



RESENHA

FORMAS ALTERNATIVAS DE COMBATE AO RACISMO: RESENHA DO LIVRO “O NEGRO: DE BOM ESCRAVO A MAU CIDADÃO?”

ALTERNATIVE WAYS TO FIGHT RACISM: REVIEW OF THE BOOK “O NEGRO: DE BOM ES CRAVO A MAU CIDADÃO?”

FORMAS ALTERNATIVAS DE COMBATIR EL RACISMO: RESEÑA DEL LIBRO “O NEGRO: DE BOM ESCRAVO A MAU CIDADÃO?”

CARLITOS ROMÃO TOMÉ¹

“O negro: de bom escravo a mau cidadão”? é o título do livro de Clóvis Moura que resultou da compilação de três trabalhos sobre a escravidão negra. Composto por três partes todas interligadas ao título, tece uma crítica contundente à persistência de estruturas coloniais e escravistas na sociedade brasileira mesmo após a abolição. Publicado originalmente em 1977 e reeditado em 2021, pela Dandara editora, a obra objetiva-se a desconstruir a visão tradicional de “passividade” concebida ao africano negro na era do escravismo, demonstrando o papel ativo do negro no interior das lutas sociais no Brasil tanto para sua libertação quanto para a independência do Brasil.

Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003), foi um sociólogo brasileiro e intelectual orgânico da classe trabalhadora. Filho de pai branco e mãe negra, dedicou seus estudos teórico-práticos com o intuito de lastrar movimentos sociais em defesa dos grupos oprimidos, analisando os novos adereços de estereótipos que se configuram no cotidiano da sociedade competitiva brasileira. Ao contrário de

Como citar esta resenha:

TOMÉ, Carlitos Romão.
Formas alternativas de
combate ao racismo:
resenha do livro “O negro:
de bom escravo a mau
cidadão?”. Resenha.
**Revista de Direito
Socioambiental - REDIS,**
Goiás – GO, Brasil,
v. 03, n. 01, jan./jul.
2025, p. I-V.

Data da submissão:
27/06/2025

Data da aprovação:
03/07/2025

¹ Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Licenciado em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique. CV: <http://lattes.cnpq.br/6156752030632224>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5785-3896>.

Gilberto Freyre que defendia relação harmoniosa entre o escravizado e escravizador, Moura demonstra as lutas negras desde a era do escravismo. Em Freyre, o negro é reduzido a serviçal do senhor, isto é, à submissão inquestionável aos prazeres do branco. O negro é sujeito passivo, obediente, e retira-lhe todo o protagonismo histórico da sua emancipação. Essa forma de conceber as relações entre senhores e escravizados é contestada por Moura, pois, não só glorifica a passividade do negro, sustenta o racismo estrutural. Para Moura, os africanos no Brasil durante o período colonial, resistiram à opressão.

Na primeira parte, o autor convida ao leitor e a sociedade, a refletir sobre a origem e a permanência do estereótipo em relação ao negro liberto na sociedade atual, a fim de compreender a essência de alguns valores em jogo. Segundo Moura:

No passado o bom escravo seria aquele que aceitava tudo a mando do seu senhor, sem questionar, protestar as torturas, aceitando-se desta forma, o seu status como sendo eterno e imutável. Que vivia na senzala trabalhando, aceitava sua condição de escravo passivamente, isto é, sem resistência a estrutura ideológica que o oprimia (Moura, 2021, p.18).

Nessa perspectiva, o autor questiona tal passividade, argumentando que, embora esmagado pelo sistema que o alienava, o negro tinha elementos de análise capazes de levá-lo a uma posição de negação, destacando as fugas para as matas, e sua organização nos quilombos, bem como as revoltas que desembocaram na revolução.

A partir disto, o autor aprofunda sua crítica em mecanismos de defesa às forças desintegrativas, demonstrando como os negros rotulados nas favelas, atingidos pelas condições objetivas em que vivem, sentem-se lesados socialmente. Em consequência, Moura defende o sentimento das revoltas do negro expressas na criminalidade. Acresce ainda, a reação sob influência de movimentos negros como Black Power, “os Panteras Negras”, a Negritude e outros. E, desta dupla situação, observa Moura, nasce o protesto negro que se manifesta de diversas maneiras: desde a organização de grupos específicos de negros, a formação de uma intelectualidade negra contra essa realidade, expressões artísticas, religiosas, etc. Para Moura, o estereótipo de mau cidadão emerge na tentativa de sua auto-afirmação visando romper os padrões que historicamente moldaram as relações escravistas. A partir do modo pelo qual é tratado o negro hoje, surgem então, as racionalizações que o transformam no mau cidadão.

Nesse cenário, são apresentados mitos sociológicos da “democracia racial” concebida como mecanismo ideológico de dominação que encobre a existência de desigualdades étnico-raciais. Moura defende que essa ideologia impede que a sociedade brasileira enfrente os problemas raciais e promova políticas públicas de reparação histórica. Essa falsa teoria revela-se nas restrições

colocadas ao negro no trabalho, casamentos, etc., acresce ainda na análise ao preconceito das religiões afro-brasileiras assim denominadas pelas classes dominantes brasileiras para perdurar seus privilégios e justificar seu ego de religiosidade cristocêntrica. Revela o preconceito de cor no Brasil, a ideologia através da qual se manifesta o racismo e determina uma série de medidas restritivas, embora não codificadas, mas que são visíveis nos espaços públicos.

Questionando o estereótipo do mau cidadão, Moura advoga o bom cidadão o negro que não aceita a discriminação racial, o seu confinamento nas favelas, as restrições que são feitas à sua cor no mercado de trabalho, e procura formas alternativas através da sua participação em movimentos projetivos. Vale salientar que é visto ainda mau cidadão o negro que vive nas favelas, criminoso, alcoólatra, mendigo, vivendo nos terreiros da Umbanda e Candomblé, fazendo uso da medicina popular.

Na segunda parte, Clóvis Moura destaca a complexidade da experiência negra e seu papel na construção das nações latino-americanas e as consequências para a população negra. O autor demonstra que os negros desempenharam um papel fundamental nas lutas pela independência da América Latina. Seus conhecimentos dos territórios, sua força física e sua disposição para a luta foram cruciais para o sucesso dessas revoltas. Nesta senda de luta e resistência, fica claro o seu contributo no alcance de direitos iguais, dignidade humana e cidadania, conforme as palavras do autor:

Mas o escravo não lutou apenas pela sua emancipação, isto é, objetivando livrar-se do cativeiro. No processo da formação da nação brasileira o negro está presente, lutando com outros estratos da nossa população para nos desligarmos de Portugal e, depois da independência, pela instauração da República (Moura, 2021, p. 132).

Em face do exposto, o autor nota que apesar de sua contribuição, os negros foram sistematicamente excluídos na estrutura social e política. Os brancos que lideraram os processos de independência, mantiveram o poder e os privilégios, relegando os negros a uma posição marginalizada. A seguir, o autor pontua as estruturas sociais e económicas que continuaram a favorecer os brancos, perpetuando a desigualdade/exclusão dos negros. No quadro geral da pobreza, o negro situa-se até hoje, nos estratos sociais mais baixos da estratificação social. O racismo e desigualdades como elementos estruturantes e as alternativas de sua superação padronizam como negro – que tem de lutar contra o preconceito de cor, e como pobre – que tem de lutar contra a miséria e as restrições no mercado de trabalho.

Em relação isso, Moura traz ao debate a religiosidade afro-brasileira como parte integrante da sua cultura. Sem supervalorizar tais práticas, o autor empreende um projeto teórico que desmistifica a imagem negativa associada às manifestações culturais das comunidades negras, e

revela o protagonismo das mesmas na atual sociedade de classes. As religiões afro-brasileiras são manifestações de auto-afirmação e de defesa dos negros numa sociedade de classes, destacando as razões da sua multiplicidade nos principais centros urbanos do Brasil, com destaque a cidade de São Paulo.

Na terceira parte, fica evidente o processo de luta e reafirmação cultural e identidade negra através de formação de grupos específicos. Em Moura, esse processo contínuo de resistência/organização remonta desde a escravidão dos negros como formas de sobreviverem e manterem seus padrões culturais e reencontrar sua condição humana, que a escravidão e o Estado Brasileiro tentaram destruir permanentemente.

No decorrer da obra, o autor situa o negro barrado de múltiplas formas e em diversos níveis, e como o mesmo organiza-se em grupos específicos em defesa da sua autonomia e elevação social. Sustenta que as religiões dos afrodescendentes foram e são os pilares do modo de vida na sociedade brasileira. Elas são a força motriz das manifestações culturais e artísticas expressas no caráter de sociabilidade e coletividade.

Assim, a trajetória do negro no Brasil reflete as lutas emancipatórias a partir do posicionamento radical do negro e a tentativa de neutralizar a história do racismo, reivindicando seu lugar na sociedade atual. O fundamental nessa obra é a maneira pela qual o autor situa o comportamento da camada negra atual, mostrando que a imagem da sua maldade surge porque ele rompe com os padrões de comportamento tradicionais e rotineiros da sociedade competitiva que substituiu o escravismo e luta pela mobilidade social vertical de forma massiva. O autor, convida-nos à reflexão na qual devemos questionar, enfrentar as estruturas de poder e as relações sociais desde o judiciário ao comportamento rotineiro para a construção de uma sociedade igualitária e democrática.

Em conclusão, a obra aqui resenhada torna-se relevante no debate contemporâneo das questões raciais não só no Brasil, como também no mundo todo em que o negro é discriminado, subalternizado e visto como cidadão destinado à submissão diante de outras raças. As formulações de Moura são de fundamental valia para a proposição de ações concretas no combate ao racismo.

O racismo, principalmente fenótipo é um mal e deve ser superado não só por quem é discriminado, mas é sobretudo no interior de quem discrimina, o opressor. Indubitavelmente, o problema não está na cor do outro, está na própria consciência do indivíduo. É uma chamada de consciência social em todos os níveis, em que homens e mulheres de todas as cores se veem e se percebem como seres de uma única raça humana diversificada. Em defesa do “mau” cidadão, Moura enaltece a resistência, evidencia as condições atuais que dão voz ao negro de enfrentar

quaisquer formas de discriminação, que no passado escravista não tinha na razão do seu aparente silêncio.

REFERÊNCIAS

MOURA, Clóvis Steiger de Assis. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** São Paulo: Dandara Editora, 2021.

Direitos autorais 2025 – Revista de Direito Socioambiental – ReDis (UEG)

Editores responsáveis: Thiago Henrique Costa Silva e Isabella Christina da Mota Bolfarini.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.